

## **ANÁLISE DOS PRINCIPAIS ASPECTOS DA REDE URBANA E DAS CIDADES MÉDIAS CEARENSES NOS ANOS 2000**

### **Analysis of the principles aspects of the urban network and the medium cities “cearenses” in the 2000s**

#### **Denis Fernandes Alves**

Economista. Mestrando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPECO/UFRN). denis\_fernandes@outlook.com

#### **Carlos Eduardo Pereira do Nascimento**

Economista. Mestrando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPECO/UFRN). Av. Salgado Filho, 3000 Campus Universitário, Departamento de Economia. Lagoa Nova, CEP: 59.079-900 - Natal, RN. eduardocarlos2807@gmail.com

#### **Francisco do O’ de Lima Júnior**

Economista. Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp). Professor Associado do Departamento de Economia (URCA), e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PLANDITES/UERN). Rua Cel. Antônio Luís, 1.161, Pimenta, CEP: 63.100-000 - Crato, CE. lima.junior@urca.br

#### **William Eufrásio Nunes Pereira**

Economista. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Associado do PPECO/UFRN. wenpereira2014@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar os principais aspectos econômicos e demográficos das cidades médias do estado do Ceará, bem como compreender a região de influência da rede urbana e configuração espacial destas cidades. Os procedimentos metodológicos adotados são de caráter exploratório, descritivo e estatístico, com levantamento de dados secundários provenientes de órgãos oficiais das cidades médias do estado no pós-2000. Observou-se a presença de duas Capitais Regionais de nível C (Sobral e o aglomerado Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha) localizadas em áreas opostas do território estadual, permitindo a polarização a partir destes centros, bem como a importância das outras cidades médias no que diz respeito ao grau de influência na rede urbana, tais como Iguatu e Itapipoca como centros sub-regionais A e B, respectivamente, voltados, sobretudo ao comércio e serviços. Quanto aos aspectos demográficos, observou-se um aumento na taxa de urbanização em todas as cidades médias, bem como uma elevação na qualidade de vida, maior dinamismo no mercado de trabalho com maiores oportunidades de emprego e uma leve redução quanto à desigualdade de renda.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento regional; Estrutura produtiva; Cidades médias; Rede urbana; Ceará.

**Abstract:** The objective of this article is to analyze the main economic and demographic aspects of the average cities of the state of Ceará, as well as to understand the region of influence of the urban network and the spatial configuration of the cities. The methodological procedures adopted are of an exploratory, descriptive and statistical character, with the collection of secondary data - coming from official bodies - of the medium-sized cities of the state in the post-2000 period. It was observed the presence of two Regional Capitals C – Sobral and the Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha agglomerate- located in opposite areas of the state territory allow polarization from these centers. As well as the importance of other average cities with regard to the degree of influence in the urban network, such as Iguatu and Itapipoca, as sub-regional centers A and B, respectively, focused on commerce and services. As for the demographic aspects, there was an increase in the rate of urbanization in all medium-sized cities, as well as a rise in the quality of life, greater dynamism in the labor market with greater job opportunity and a slight reduction in income inequality.

**Keywords:** Regional Development; Productive Structure; Average Cities; Urban Network; Ceará.

## 1 INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, o Nordeste brasileiro era uma região negligenciada, causando um atraso econômico e social em relação ao centro da economia do país. O desconhecimento dos fatores responsáveis pelo atraso gerava a incapacidade de elaborar planos de diretrizes que modificassem o cenário. As disparidades regionais eram cada vez mais crescentes. No objetivo de entender os problemas que geravam tais atrasos e estudar a região de modo intensivo é criado, no Governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). E, em 1959, é justificada a intervenção planejada via Sudene (CANO, 2000).

Os reflexos da Sudene e a canalização de ações desenvolvimentistas no Nordeste, acontecem com maior consistência em meados dos anos 1980-1990. No Ceará, o forte processo de industrialização é oriundo de políticas de atração industrial (assim como o Nordeste), contudo o parque industrial cearense está fortemente concentrado em sua capital (Fortaleza) e na sua Região Metropolitana, cada vez mais ampliando as disparidades dentro do próprio estado. Os desequilíbrios regionais, historicamente, sempre foram presentes. Neste contexto, a cidade média emerge como um mecanismo a atenuar – ou frear – tais desequilíbrios. Conforme aponta Rochefort (1998, p. 93), algumas cidades médias são desenvolvidas com o objetivo de frear o crescimento das metrópoles e, “[...] à medida que as cidades são escolhidas no interior do território, levam-se para esses espaços subdesenvolvidos atividade e homens que permitam um desenvolvimento da economia regional”.

Diversos estudos e pesquisas foram realizados por pesquisadores, nas academias e nos órgãos governamentais. Sucintamente, pode-se afirmar que, do ponto de vista hierárquico das cidades, uma cidade de porte médio é aquela que se localiza entre a grande e a pequena, em outras palavras, apresenta uma posição intermediária. O conceito de “cidade média ou de porte médio” se difundiu nos anos 1950/60, quando as preocupações com o desenvolvimento e os desequilíbrios regionais emergiram junto aos planejadores, governos e acadêmicos. Até então, a cidade média inexistia enquanto conceito, embora já existissem enquanto realidade e como parte integrante de políticas

regionais. As ideias de François Perroux foram importantes para a construção do conceito e de políticas regionalizadas, pois os polos de crescimento perrouxiano vieram reforçar a necessidade e a possibilidade de desenvolvimento socioeconômico via polos de crescimento. Explicitamente, o conceito de “cidade média” se consolida anos depois, associado às políticas de desconcentração populacional e de atividades econômicas implementadas na experiência francesa do VI Plano de Desenvolvimento Econômico e Social (1971/1975) (PEREIRA, 2016).

Em vista disto, será que de fato a concentração econômica e demográfica intensificada pelo processo de industrialização brasileira nas últimas décadas vai se contraindo através das políticas de interiorização e da influência das cidades, sobretudo nas cidades médias do Ceará? A hipótese norteadora é a de que com a melhoria dos indicadores socioespaciais e com o advento dos sistemas urbanos crescentes no interior do estado, o espraiamento das atividades produtivas tem exercido importante papel no desenvolvimento espacial do território cearense.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar os principais aspectos econômicos e demográficos das cidades médias do estado do Ceará, utilizando a classificação do IBGE para cidades médias, que é a mais usual nos trabalhos acadêmicos.<sup>1</sup> Procura-se também entender a dinâmica da estrutura produtiva cearense nas últimas décadas, compreender os aspectos conceituais e a importância das cidades médias na configuração espacial e na região de influência da rede urbana cearense nos anos 2000.

Para atingir tais objetivos, foram adotados procedimentos metodológicos de caráter exploratório, descritivo e estatístico, levantamento de dados secundários – provenientes de órgãos oficiais – das cidades médias do estado. O recorte temporal utilizado foi o período pós-2000, no qual será possível entender e caracterizar o processo de transformações socioespaciais destas cidades bem como trabalhar o exercício da espacialidade. Além da naturalidade do movimento de desconcentração, contribuíram para este fenômeno as tendências impressas pelo ciclo econômico e político brasileiro iniciado em 2003, e o apoio

1 É importante destacar o debate existente entre a conceituação de cidades médias tendo como referência os trabalhos de Spósito (2007).

de programas e políticas transversais exclusivamente direcionados ao Nordeste foi fundamental. Destacam-se a expansão interiorizada do ensino superior, o suporte e estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico, os investimentos estimulados, dentre outros.<sup>2</sup>

Da base teórica consultada conclui-se que uma cidade média se define pelo papel que desempenha na organização regional, não obstante seja este também comum às grandes cidades e também no que concerne à posição que ocupa na rede urbana local ou regional. Nesse intuito, a temática sobre cidades médias e estudos mais aprofundados faz-se necessária para compreender em que medida as cidades médias têm sido afetadas pelos processos de reestruturação da economia, dos aspectos econômicos e demográficos, justificando assim a escolha do espaço-tempo em que houve mudanças na sociedade e no espaço cearense, cujos rebatimentos têm sido maiores nos territórios urbanos.

Este artigo está organizado em seis seções. Além desta introdução e das considerações finais, a segunda seção trata de um estudo sobre as principais características da estrutura produtiva cearense. A terceira seção aborda aspectos conceituais de cidades médias; a quarta, os procedimentos metodológicos adotados e na quinta seção é feito um estudo sobre a configuração espacial. A sexta seção traz análises descritivas e estatísticas com base na revisão teórica abordada sobre os aspectos econômicos e demográficos das cidades médias cearenses nos anos 2000.

## 2 MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA PRODUTIVA E NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO CEARÁ

Entre os anos de 1950 até meados dos anos 1980, a economia do Ceará atravessava uma etapa de diversificação e modernização produtiva sob a ação planejada governamental. Contudo, mais precisamente, foi através de intervenções de organismos institucionais de fomento ao desenvolvimento regional, em especial, a Superintendência para

o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que o Ceará experimentou transformações mais sólidas e consistentes no seu quadro produtivo e na sua infraestrutura, através das ações de desenvolvimento via industrialização (AMORA, 2004; LIMA JÚNIOR, 2014; CANUTO, 2019).

Na década de 1980, teve início um novo período na formação socioespacial do Ceará, marcado por transformações políticas, econômicas e sociais. Nesse período, novas dinâmicas e configurações territoriais se estruturam e caracterizam-se pelo fim do governo dos coronéis, e iniciando um governo marcado por mudanças, fundadas na “lógica política da racionalidade administrativa e econômica e nos preceitos do neoliberalismo” (HOLANDA, 2011, p.11).

A análise da dinâmica setorial produtiva é relevante para a compreensão dos fatores que influenciam o processo de promoção do desenvolvimento da economia e do território cearense. Todavia, a reestruturação produtiva ocorrida com mais consistência no país em 1990 teve repercussões acentuadas nas características da cadeia produtiva em todos os setores de atividade econômica. No que se refere ao comportamento da estrutura produtiva cearense, ocorre que nos últimos 20 anos houve mudanças estruturais significativas de acordo com o tipo de atividade estimulada com base no tripé agronegócio-indústria-turismo que é o vetor das políticas de promoção do desenvolvimento cearense (LIMA JÚNIOR, 2014).

Nesse sentido, foi necessário que o governo dotasse o estado de infraestrutura para permitir a “livre” circulação e a expansão continuada do capital. De acordo com Lima Júnior (2014) e corroborando Araújo (2007, p. 103), implantam-se três eixos principais para as ações: i) interiorização da indústria (pela implantação de novas indústrias e modernização do atual parque industrial); ii) modernização da agricultura (através do agronegócio e turismo, com a instalação de equipamentos necessários para a inserção das áreas litorâneas na rota nacional) e; iii) a consequente expansão do comércio e dos serviços.

No Ceará, até meados dos anos 1990, as taxas eram crescentes em dois dos setores da economia cearense (indústria e serviços), inclusive maiores do que as taxas nacionais, como demonstrado na Tabela 1.

2 É importante mencionar programas neste sentido, como o Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Fundeci), de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico, e o próprio Fundo Constitucional do Nordeste (FNE) como grande suporte de política de crédito a investimentos produtivos na região (ARY, 2006).

Tabela 1 – Brasil, Nordeste e Ceará: Taxas de Crescimento do PIB Setorial (%) 1990-2010 (Períodos Seleccionados)

Período	Agricultura			Indústria			Serviços		
	BR	NE	CE	BR	NE	CE	BR	NE	CE
1990-95	1,17	1,53	-2,14	-1,67	-0,79	2,88	0,7	0,4	3,08
1995-00	-0,5	-3,54	-7,64	3,73	4,8	3,32	1,33	2,41	1,3
2000-05	-2,84	-0,07	3,44	-3,74	-3,29	-6,21	7,13	6,89	8,74
2005-10	3,46	2,41	1,02	1,59	2,56	6,86	4,81	5,96	5,04

Fonte: adaptado pelos autores a partir de Lima Júnior (2014, p. 93).

As atividades estimuladas para a promoção do desenvolvimento no Estado do Ceará formam, segundo Lima Júnior (2014), o tripé agronegócio-indústria-turismo. Dentre as ações do Governo das Mudanças, na segunda metade da década de 1980, destacaram-se “políticas de interiorização do desenvolvimento, mediante o fortalecimento das cidades médias, as políticas fiscais e os investimentos em infraestrutura urbana de forma a atrair o capital nacional e estrangeiro nas atividades industriais e turísticas/imobiliárias” (ACCIOLY, 2009, p.7).

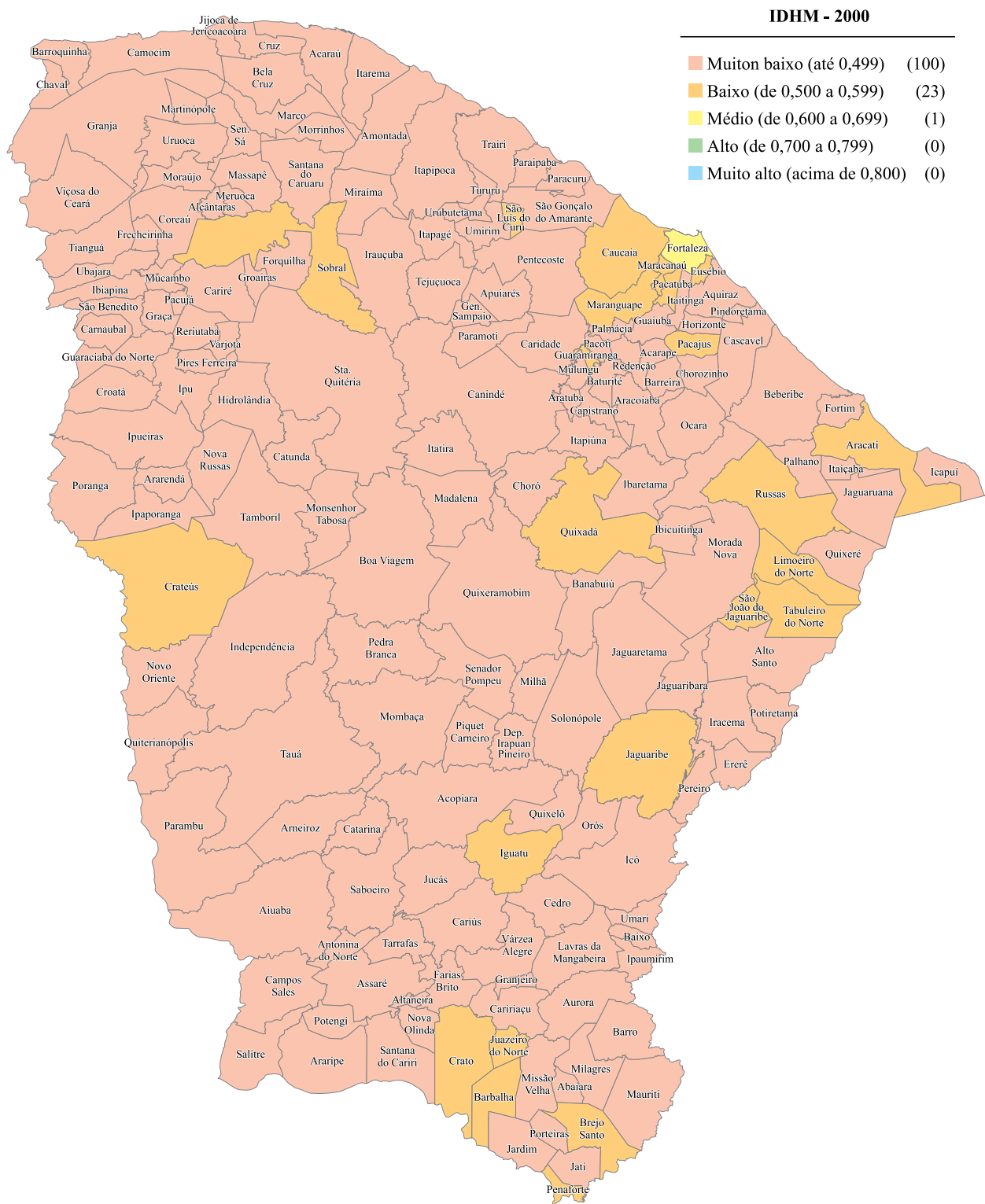
Conforme observado por Alves et al. (2017), houve melhorias substanciais e mais difundidas ao longo do território estadual, abrangendo grande parte dos municípios. Entretanto, estas melhorias não se deram de forma homogênea. Os principais avanços se deram em municípios polarizadores de regiões mais dinâmicas como os municípios de Sobral, o conjunto formado por Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha; Limoeiro do Norte; Iguatu. Além da capital do estado e de seu entorno metropolitano, estes municípios foram alvos de políticas de interiorização industrial e outros programas de modernização econômica. Nas áreas marcadas ainda pelo atraso e vulnerabilidades climáticas como o oeste do estado, Sertões Central e dos Inhamuns – onde a aridez é a marca principal –, as melhorias tiveram um padrão mais lento.

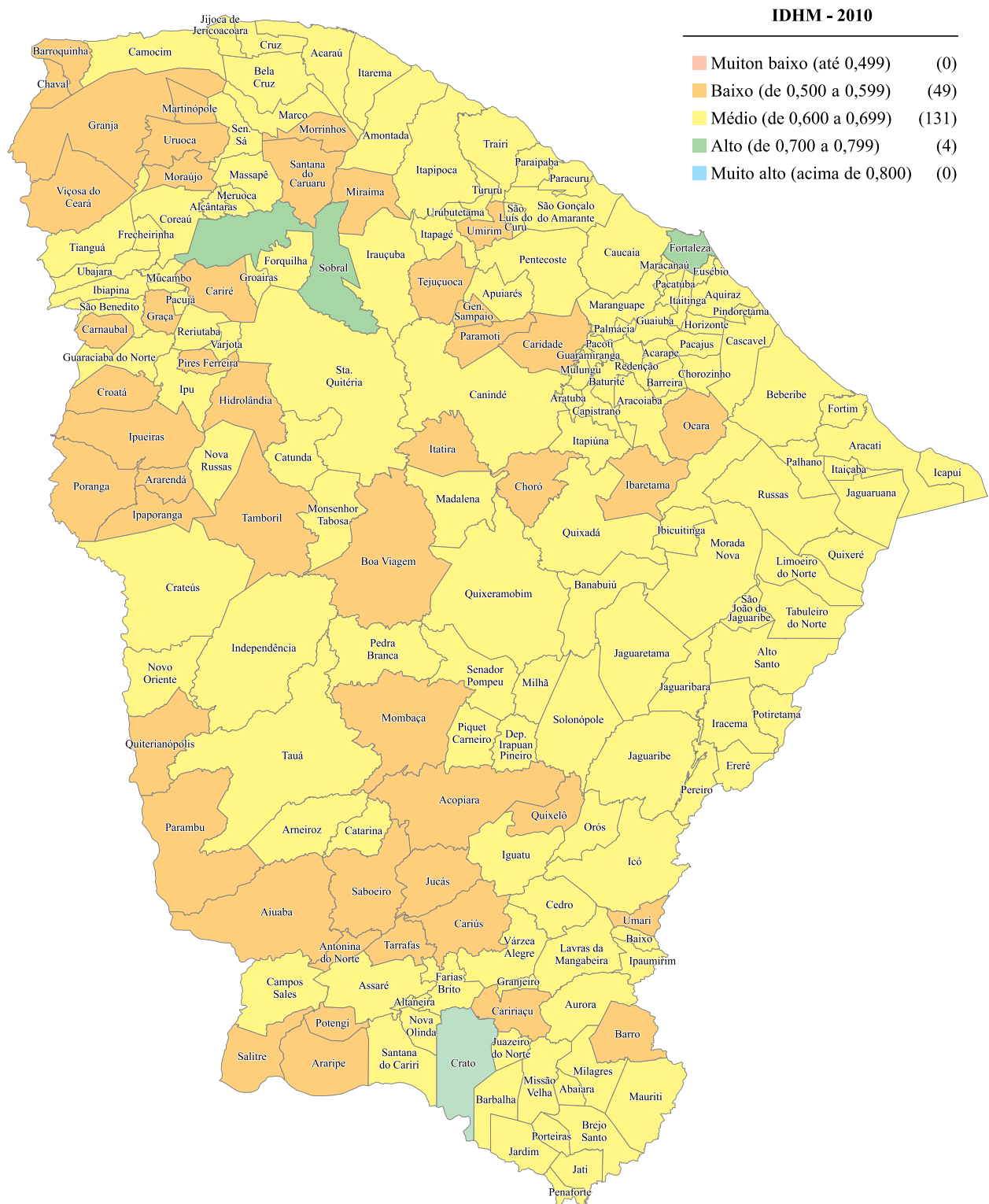
Segundo Conte (2013), é das preocupações com o desenvolvimento regional e com a tentativa de corrigir os desequilíbrios regionais que as cidades médias surgiram como uma possível “solução”. Os desequilíbrios regionais, historicamente, sempre foram presentes. Neste contexto, a cidade média aparece, assim, como um mecanismo a atenuar – ou frear – tais desequilíbrios. Conforme traz Rochefort (1998, p. 93), algumas cidades médias são desenvolvidas com o objetivo de frear o crescimento das metrópoles e, “[...] à medida que

as cidades são escolhidas no interior do território, levam-se para esses espaços subdesenvolvidos atividade e homens que permitam um desenvolvimento da economia regional”. Destarte, a concentração econômica intensificada pelo processo de industrialização brasileira nas últimas décadas vai se contraindo através das políticas de desconcentração urbana e econômica.

O desenvolvimento socioeconômico de uma cidade, em particular de porte médio, considerando sua capacidade de crescimento, é determinado pelas especificidades do processo de reprodução do capital. O posicionamento geográfico pode contribuir, no entanto, não é um elemento determinante para o desenvolvimento da cidade enquanto espaço social. Pereira (1998) mostrou que no espaço social ocorre o desenvolvimento das atividades produtivas e não produtivas, que permitem a continuidade existencial do homem. A compreensão do desenvolvimento desta sociedade no microespaço – área do município, por exemplo – implica a compreensão do desenvolvimento das formas de produção capitalista que se estabelecem neste espaço. Desenvolvimento capitalista que implica não somente a produção de mercadorias, mas também a realização dessas através do processo de circulação. A estrutura e o desenvolvimento dos espaços sociais apresentam-se como uma consequência do processo de reprodução do capital, que é desigual e combinado, possibilitando-nos supor que as formas pelas quais o capital se reproduz em determinados momentos explique o desenvolvimento e a hegemonia das cidades médias frente às demais cidades circunvizinhas. Da mesma forma, explica o declínio das atividades outrora dinâmicas, redimensionando a importância produtiva – econômica, política, social, etc. – das mesmas. A ascensão e o declínio de Detroit nos EUA, Humberstone e Santa Laura no Chile ou a ilha Hashima no Japão, parecem ser bons exemplos da questão (CLARK, 2010).

Figura 1 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, para o ano 2000 e 2010





Fonte: Alves et al. (2014, p. 16).

### 3 ASPECTOS CONCEITUAIS DAS CIDADES MÉDIAS

O conceito de cidade média é bastante heterogêneo, pois pode ser abordado por diversas óticas: demográfica, localização espacial, nível

hierárquico, o contexto em que se insere. Enfim, uma vasta gama de definições pautadas na realidade vivenciada. Diversos autores e pesquisadores abordam este tema e definem diversos conceitos e/ou parâmetros para a cidade média (FRANÇA, 2007).

Amorim Filho e Serra (2001) afirmam que a cidade é média por inserir-se em uma determinada realidade em um contexto específico, chamando atenção para o fato de que a posição que as cidades médias ocupam em um país não é estanque e acabada. Muito pelo contrário, a cidade média não é simplesmente média. Encontra-se em um porte médio, considerando o contexto econômico, temporal, espacial, cultural e político específico. Pode permanecer como cidade média por um longo tempo, ou crescer e torna-se grande, ou entrar em decadência. Além disso, normalmente não “nasceu” grande, mas cresceu, deixando de ser pequena, passando a ser média e chegando ou não, a ser grande. Analogicamente, a cidade média é muito semelhante a um organismo vivo. Evidentemente, muito dificilmente, mesmo entrando em estagnação, viria a extinguir-se. Extinções de cidades somente são possíveis em situações anômalas e são raras exceções (PEREIRA, 2016).

Bessa, Borges e Soares (2002) destacam o aspecto da localização espacial. A cidade média pode estar sob a influência, direta ou indiretamente, de uma metrópole nacional ou regional, uma capital estadual ou ser adjacente a uma cidade importante, o que lhe confere maiores chances de crescimento e desenvolvimento. Tais fatores indicam a singularidade das cidades médias em seus respectivos contextos (BESSA; BORGES; SOARES 2002; FRANÇA, 2007).

Soares, Melo e Luz (2005) trazem a questão da individualidade ao debate conceitual sobre cidade média. Estas cidades, como qualquer outra, “possuem especificidades relativas à sua formação, crescimento demográfico, dinamização econômica e complexidade no oferecimento de serviços, comércio e infraestrutura urbana” (FRANÇA, 2007, p. 50). Destarte, “cada cidade é um todo completo e contraditório, pois as variáveis necessárias à sua reprodução abarcam o sistema produtivo e a rede de consumo em uma relação estreita com a região” (SOARES; LUZ; MELO, 2005, p. 2).

Quanto à relação das cidades médias com a região, Steinberger e Bruna (2001) apontam que tal relação regional dá a elas o papel de núcleo estratégico pelo fato de estarem inseridas nos espaços urbano e regional.

Ademais, cabe frisar que a cidade média é uma consonância da cidade grande e da cidade pequena. Ela exhibe características de um grande espa-

ço, com especializações e variedades nos serviços e potencialidades em atividades produtivas. Por outro lado, a população da cidade média mantém as relações sociais, com hábitos de troca de favores, de forte capital social (TUAN, 1983; BESSA; BORGES; SOARES, 2002).

Quanto à classificação, segundo o IBGE, uma cidade média é aquela que possui população entre 100.000 e 500.000 habitantes. A Organização das Nações Unidas (ONU) caracteriza uma cidade média que tenha entre 100.000 e 1.000.000. Já a União dos Arquitetos Internacionais (UIA) delimita entre 20.000 e 2.000.000 de habitantes, entre outras (FRANÇA, 2007).

Ademais, Soares (2005, p.4) defende que o adensamento populacional de uma cidade média varia de país para país, “como na França, de 20.000 a 100.000 pessoas, ou na Espanha, de 20.000 a 200.000”. Todavia, cabe salientar, quanto ao aspecto demográfico, uma ressalva. Existe a possibilidade de, como coloca Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982), cidades com números populacionais inferiores, terem capacidade suficiente de exercer as mesmas funções que uma cidade média em locais menos desenvolvidos.

Diversos são os questionamentos – por exemplo, o questionamento se a população analisada é a total ou a urbana – quanto ao conceito e classificação de cidade média. Spósito (2001) diz que uma cidade média pode ser caracterizada pelo seu papel regional e potencial de comunicação e articulação provenientes de sua realidade geográfica, tendo o consumo como ferramenta importante no papel intermediário dessas cidades.

Nesta linha, os limites populacionais são ultrapassados na conceituação de médio e são consideradas como médias os núcleos urbanos que desempenham papéis de interlocução entre cidades grandes e pequenas “no âmbito de diferentes redes urbanas e que, portanto, diferem das denominadas “cidades de porte médio” cujo reconhecimento advém de seus tamanhos demográficos” (SPÓSITO, 2007, p. 9).

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA CIDADE MÉDIA CEARENSE

O presente trabalho utiliza-se de uma metodologia de caráter exploratório, descritivo e estatístico, referente ao processo de transformação das cidades médias cearenses ao longo dos anos. Para

tanto, portou-se de dados secundários referentes às cidades médias no ano de 2017, a saber: Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha,<sup>3</sup> Iguatu, Itapipoca e Sobral, de modo a entender a dinâmica demográfica e econômica dessas regiões, bem como compreender a influência sobre as cidades vizinhas. A despeito de Caucaia, Maracanaú e Maranguape contemplarem o critério estabelecido pelo IBGE, não estarão no escopo deste estudo, pois estão inseridas na Região Metropolitana de Fortaleza, a qual apresenta uma forte concentração da estrutura produtiva do estado e em detrimento disto, não exercem características intrínsecas a uma cidade média.

Os meios técnicos utilizados foram o estatístico e o descritivo. Ambos contribuem para uma boa análise de dados secundários. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a função do método estatístico é, essencialmente, possibilitar uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado; já no que se refere ao método descritivo, quando utilizado para explicar fenômenos, possibilita analisar os dados na sua concretude, deduzindo elementos constantes, abstratos ou gerais nele presentes.

A exploração de dados secundários foi realizada a partir de artigos publicados em periódicos, bem como do IBGE, Datasus, Ipece, PNUD, RAIS/MTE com a utilização de dados referente às cidades médias do Ceará, abordando um panorama dos anos 2000, daquelas cidades que, em 2017, se caracterizam como cidades médias. Optou-se no presente trabalho, utilizar a classificação do IBGE, que é a mais usual entre a comunidade acadêmica. Assim, torna-se possível compreender o processo de transformações socioespaciais destas cidades e entender o seu grau de influência sobre as demais.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos houve grandes avanços metodológicos no que diz respeito às interações espaciais entre cidades, tanto em escalas nacionais e regionais quanto intraestaduais. Tais repercussões

estão associadas a um intenso processo de urbanização das últimas décadas. Nesta seção do trabalho, expor-se-á os principais resultados encontrados e discussão inerente ao tema em tela.

### 5.1 Configuração espacial e a região de influência de cidades na rede urbana do Ceará

A começar, entende-se sistema urbano como um componente espacial do desenvolvimento social, o resultado de uma evolução histórica. A rede de cidades que o compõe, em sua forma, distribuição no território, inter-relações e interdependências, decorre de processos sociais de mudança e expressa as diferentes escalas da inserção regional na divisão social do trabalho (MOURA; PÊGO, 2016). Portanto, são várias redes regionais que correspondem aos diferentes tempos e modos dessa inserção.

No Ceará, a intervenção planejada via Sudene, mais precisamente na sua segunda metade do período de vigência dos Planos Diretores (Era Jereissati), propôs uma estruturação urbana de caráter social, priorizando a expansão de habitações populares e o suprimento da infraestrutura urbana necessária a melhores condições de vida.

No entanto, Egler et al. (2011) apontam para a definição de três categorias analíticas básicas que possuem relações conceituais distintas, são elas: estrutura, rede e sistema urbanos. A estrutura urbana, segundo os autores, é a descrição e a interpretação da distribuição espacial das cidades moldada por processos gerais, provenientes das tendências de longo prazo da economia e da sociedade. Nesse sentido, destaca-se o forte processo de concentração urbana cearense na capital e regiões adjacentes. Já a noção de rede urbana manifesta características históricas e geográficas de um determinado território, está associada a questões mais abstratas. Por fim, os sistemas urbanos expressam o comportamento dos fluxos materiais e imateriais de curto prazo, isto é, os seus aspectos dinâmicos atuais (EGLER et al., 2011).

Nos últimos anos, com base em configurações espaciais que transcendem a noção do urbano aglomerado e incorporam a dimensão regional,<sup>4</sup>

3 Mesmo não sendo considerada uma cidade média pelo critério demográfico do IBGE, Barbalha assume o papel de cidade média, pois a conurbação Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha apresenta uma consonância entre as economias destes municípios, culminando em uma dinâmica econômica e urbana. Por exemplo, muitas pessoas vivem em uma cidade, mas trabalham ou estudam em outra. Essa dinâmica espacial que interliga as economias dos municípios, como um só município presente no interior cearense.

4 Os estudos da rede urbana brasileira empreendidos pelo IBGE foram realizados nos anos de 1966, 1978, 1993 e em 2007. Consistiram em subsídios de regionalizações com base na definição da hierarquização dos centros urbanos brasileiros delimitados por regiões de influência exercida no âmbito da intensidade e direção de fluxos de pessoas, bens e serviços (LIMA JÚNIOR, 2014).



o Ceará apresentou mudanças na sua rede urbana. Observando como recurso metodológico as proposições sistematizadas pelo Estudo Região de Influência de Cidades – Regic elaborado pelo IBGE. Tem-se que em 2008 o grau de Influência das cidades cearenses apresentava as seguintes características conforme demonstrado a seguir:

Quadro 1 – Região de Influência de Cidades – Regic 2008

Centros	Níveis de hierarquia dos centros	Centros cearenses
Metrópole	Metrópole	Fortaleza
Capital Regional	Capitais Regionais C	Juazeiro-Crato-Barbalha e Sobral
Centro Sub-Regional	Centros Sub-regionais A	Crateús, Iguatu e Quixadá
	Centros Sub-regionais B	Itapipoca
Centro de Zona	Centros de Zona A	Acaraú, Aracati, Canindé, Icó, Limoeiro do Norte e Russas.
	Centros de Zona B	Brejo Santo, Camocim, Cruz, Guaraciaba do Norte, Ipu, Iracema, Itapagé, Jaguaribe, São Benedito, Senador Pompeu e Tauá.
Centro Local	-	Demais 150 cidades

Fonte: elaborado pelos autores com base nas informações do Regic/IBGE (2008).

O Quadro 1 mostra os centros de maiores hierarquias: a Metrópole: Fortaleza, as Capitais Regionais C de Sobral e Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha que são seguidas pelos Centros Sub-regionais A de Crateús, Iguatu e Quixadá e pelo Centro Sub-regional B de Itapipoca. Logo em seguida, vêm os Centros de Zona A Acaraú, Aracati, Canindé, Icó, Limoeiro do Norte e Russas, e os Centros de Zona B Brejo Santo, Camocim, Cruz, Guaraciaba do Norte, Ipu, Iracema, Itapagé, Jaguaribe, São Benedito, Senador Pompeu e Tauá. Por fim, as demais 150 cidades classificadas como centro local.

A presença de duas Capitais Regionais de nível C – Sobral e o aglomerado Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha –, localizadas em áreas opostas do território estadual, permite, segundo Lima Júnior (2014), a polarização a partir destes centros, os quais se caracterizam como cidades médias por apresentarem uma população acima de 100.000, conforme o critério do IBGE e são as regiões mais populosas do interior do estado, promovem um grau de diversificação diferenciado e apresentam níveis de influência mais elevados.

Nos Centros Sub-regionais A de Crateús, Iguatu e Quixadá, a influência exercida se dá prioritariamente na atividade do comércio e de serviços em saúde e educação. Já Itapipoca (Centro Sub-regional B) também se caracteriza como uma cidade média (com 116.065 habitantes). Os Centros de Zona são os centros que se constituem de cidades menores em relação às anteriores, possuem uma área de influência também menor. Estes centros funcionalizam o processo denominado por Spósito (2007) de relações, sobreposições e articulações com o espaço rural e com os demais centros de forma multiescalar.

O olhar para o setor agrícola advindo (novamente) a partir do Programa de Ação Econômica do Governo – PAEG –, visando, dentre outras medidas, a modernização da agricultura e a maior concentração do crescimento industrial brasileiro no Sudeste, levam à decadência as indústrias nordestinas, a exemplo da têxtil, e à crise do setor agrícola, aumentando as disparidades regionais no país. Isso é um dos causadores da forte concentração na capital, onde Fortaleza apresenta elevado crescimento, exacerbando a distância em termos populacionais e econômicos em relação a outras cidades do Ceará. A centralidade de Fortaleza é reforçada pelas políticas de desenvolvimento regional, iniciadas nos anos 1960, com a Sudene, contribuindo para a ascensão de Fortaleza como metrópole regional (COSTA; AMORA, 2009; ARAÚJO, 2007).

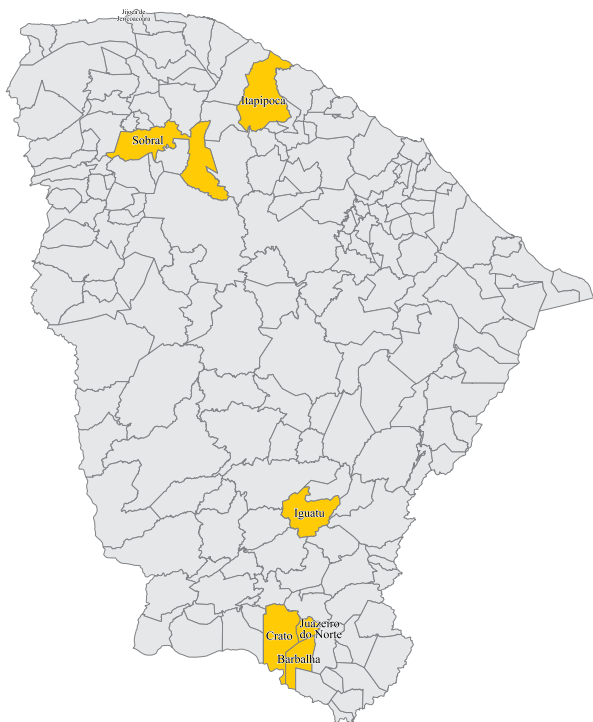
Nas cidades médias são sentidos os efeitos desse momento de industrialização e integração do mercado nacional. Cresce o setor terciário, principalmente em função dos empregos diretos no setor público e dos indiretos ligados ao comércio e aos serviços que se ampliam. A situação do campo contribui para que as cidades médias se tornem atrativas, intensificando a migração campo-cidade e expandindo a periferia urbana, com a formação de favelas e o crescimento do setor informal (COSTA; AMORA, 2009).

## 5.2 Aspectos demográficos e econômicos das cidades médias do Ceará

A presente seção tem como objetivo analisar dados relativos às cidades médias aqui estudadas, seguindo o critério estabelecido pelo IBGE. A extração dos microdados foi realizada em diversas bases de dados: Datasus, IBGE, Ipece, PNUD,

RAIS/MTE. Nesse sentido, é imprescindível o exercício das espacialidades destas cidades, que se localizam nas mesorregiões: Noroeste Cearense (Sobral), Sul cearense (Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha), Centro-sul (Iguatu) e no Norte Cearense (Itapipoca). A localização destas no território cearense é observado na Figura 2.

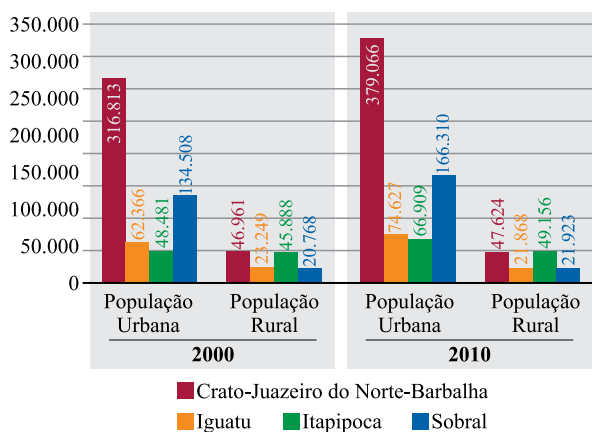
Figura 2 – Cidades médias do Ceará (2017)



Fonte: elaborada pelos autores com a utilização do software QGIS.

Em termos demográficos, tem-se um processo de urbanização das cidades médias do estado no comparativo 2000 e 2010, conforme observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – População urbana e rural das cidades médias em valores absolutos – 2000 e 2010



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados dos Censos de 2000 e 2010.

Na Tabela 2, todos os municípios aqui analisados apresentaram mais de 50% da população como urbana (com o menor nível de urbanização em Itapipoca, de 51%) no ano 2000, o que evidencia o papel do urbano na constituição dessas cidades no início do século XXI – vale frisar a aglomeração Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha e Sobral, os quais apresentam uma população urbana de quase 90%.

Em 2010, a taxa de urbanização mínima se eleva, mostrando o papel do urbano no desenvolvimento destas cidades, destacando Itapipoca e Iguatu, os quais apresentam elevações significativas nas respectivas populações urbanas ante a rural. Ademais, tal cenário significa aumento na qualidade de vida, na longevidade e na renda da população destes municípios, bem como reduções nas desigualdades (Tabela 3).

Segundo dados do PNUD, em 2000 todas as cidades médias aqui analisadas apresentaram IDHs medianos – Itapipoca apresentou abaixo disso, tendo o menor coeficiente, o que em parte refletia baixas condições de vida em relação às demais cidades do estado. Já em 2010, o melhor índice pertence a Sobral (0,714), correspondendo a um alto IDH, destacando a elevação significativa na qualidade de vida da população no decênio 2000/10; Itapipoca mantém-se com o IDH mais baixo. Todavia, cabe salientar a elevação deste índice em todas as cidades.

Conforme observado por Alves et al. (2017) os principais avanços se deram em municípios polarizadores de regiões mais dinâmicas como os municípios de Sobral, o conjunto formado por Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha; Limoeiro do Norte; Iguatu. Além da capital do estado e de seu entorno metropolitano, estes municípios foram alvo de políticas de interiorização industrial e outros programas de modernização econômica. De modo geral, houve uma melhoria dos indicadores de IDH das cidades médias.

No que diz respeito à análise da desigualdade de renda medida pelo Índice de Gini, o qual mostra o quão desigual encontra-se a distribuição de renda dentro dos municípios aqui estudados, de acordo com a Tabela 4, em 2000, o índice mais alto estava em Itapipoca (0,6338), isto é, a cidade apresentava a pior distribuição de renda entre as cidades médias do Ceará; já o menor índice está em Iguatu (0,5867). Em 2010, tem-se uma mudança quanto à distribuição de renda bem signifi-

cativa. Todos os índices apresentam melhora, ou seja, todos reduziram no decênio 2000/10. O menor índice fica para o aglomerado Crato-Juazeiro

do Norte-Barbalha (0,5431). Sobral apresentava o maior índice entre as cidades médias (0,5702).

Tabela 2 – Taxa de população urbana e rural das cidades médias cearenses – 2000 e 2010

Município	2000			2010			Taxa de crescimento 2000/2010
	Urbana	Rural	Total (abs)	Urbana	Rural	Total (abs)	
Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha	0,87	0,13	363.810	0,89	0,11	426.690	0,85
Iguatu	0,73	0,27	85.615	0,77	0,23	96.495	0,89
Itapipoca	0,51	0,49	94.369	0,58	0,42	116.065	0,81
Sobral	0,87	0,13	155.276	0,88	0,12	188.233	0,82

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados dos Censos de 2000 e 2010.

Tabela 3 – Índice de Desenvolvimento Humano e Índice de Gini das cidades médias cearenses nos anos de 2000 e 2010

Município	IDH			Índice de Gini		
	2000	2010	Δ%	2000	2010	Δ%
Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha	0,546	0,697	27,59	0,6043	0,5431	-10,1219
Iguatu	0,546	0,677	23,99	0,5867	0,5522	-5,8803
Itapipoca	0,477	0,640	34,19	0,6338	0,5617	-11,3758
Sobral	0,537	0,714	32,96	0,6273	0,5702	-9,1025

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados do PNUD e do Datasus.

As melhorias neste indicador refletem em boa medida o aumento de empregos gerados ao longo do tempo. Já que, conforme explorado anteriormente, França (2007) afirma que as cidades médias possuem especificidades relativas à sua formação, crescimento demográfico, dinamização econômica e complexidade no oferecimento de serviços, comércio, infraestrutura urbana, o que de fato favorece a redução das desigualdades.

Nos últimos anos, as propostas de atuação dos fundos de financiamento, sobretudo o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste, o FNE, tem projeto de ações nas Cidades Médias com projetos de melhoria da infraestrutura urbana, até mesmo pelas próprias características e necessidades dessas cidades (CANUTO, 2019).

Todavia, o desenvolvimento das cidades médias cearenses aqui estudadas se reflete também no mercado de trabalho destes espaços e na elevação do poder de compra do consumidor.

Ainda conforme Tabela 4, o número de empregos no mercado de trabalho formal elevou-se significativamente. O município com maior número de empregos gerados é o aglomerado Crato-

-Juazeiro do Norte-Barbalha. Em seguida, aparece Sobral, crescimento evidenciado pela produção de calçados, decorrente da inserção da empresa Grendene S/A em 1993 e seus milhares de empregos gerados desde sua instalação. Os com menor participação na promoção de empregos formais foram Iguatu e Itapipoca.

Tabela 4 – Empregos formais das cidades médias cearenses nos anos 2000, 2010 e 2015

Ano	Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha	Iguatu	Itapipoca	Sobral
2000	31.078	5.796	3.239	21.119
2010	63.420	11.521	8.523	41.963
2015	78.106	14.751	12.805	46.953

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados da RAIS/MTE.

A evolução do emprego formal se constitui como resultado de inúmeras variáveis das quais se destacam as políticas e medidas econômicas realizadas pelos governos nas diversas esferas, como também as autarquias que a exemplo do Banco do Nordeste do Brasil que ampliou o volume de recur-

tos investidos pela instituição, que em valores nominais passou de R\$ 2,6 bilhões, em 2002, para R\$ 25,3 bilhões em 2015. Ressaltando que o Estado do Ceará e suas cidades médias receberam parte desses recursos em investimentos. O BNB que sempre teve uma atuação fulcral no desenvolvimento do Ceará, em muito contribui com o crescimento econômico das cidades médias (PEREIRA JÚNIOR, 2015).

Todas estas variáveis refletem o crescimento econômico apresentado pelas cidades médias cearenses no decorrer do século XXI. Ademais, o PIB *per capita* (PIB municipal/população municipal) cresce em decorrência da elevação do poder financeiro dos mesmos. Isso mostra o desenvolvimento econômico destes municípios, a ampliação de investimentos colocados em seus territórios, as políticas de atração de investimentos para a RM Cariri e para a Região de Sobral – lembrando que em 2016 foi instaurada a Região Metropolitana de Sobral (RMS).

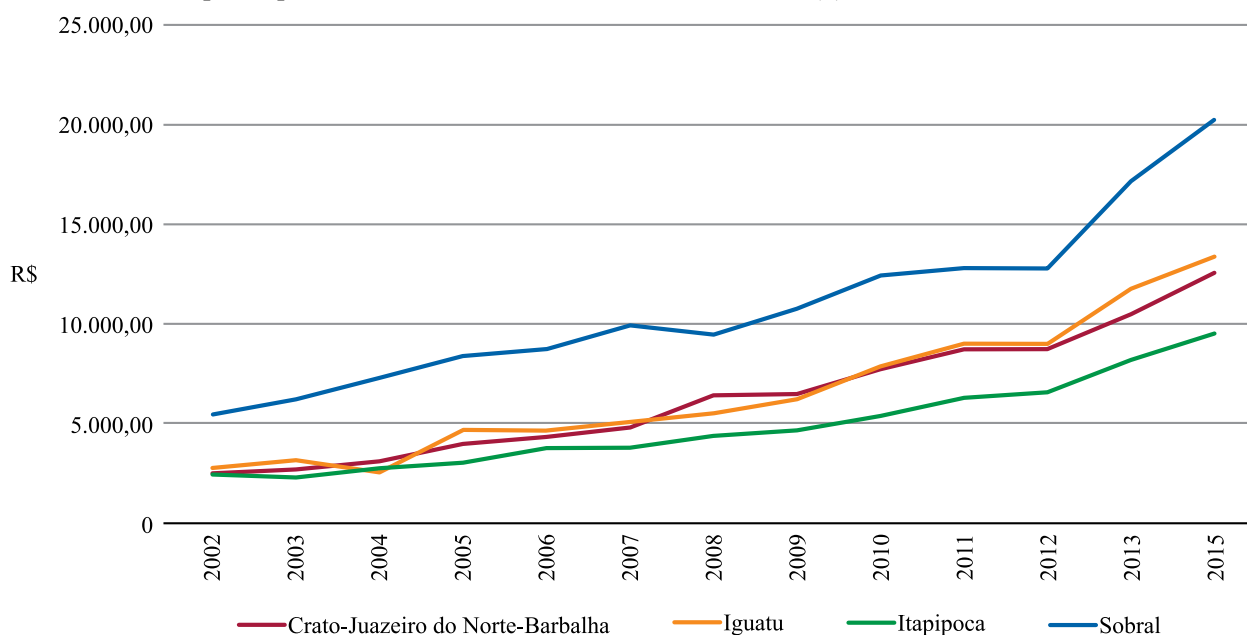
O Gráfico 2 traz uma série história do PIB *per capita* das cidades médias cearenses. Nele, pode-se observar uma elevação considerável do PIB por habitante em todos os municípios. Destaque vai para Sobral que apresenta o maior valor (R\$ 20.224), seguido por Iguatu (R\$ 13.405). Os que apresentam menor valor são o aglomerado Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha (R\$ 12.593) e Itapipoca (R\$ 9.530). Em termos percentuais, o aglomerado Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha auferiu o maior aumento (407,85%), seguido por Iguatu

(388,52%); os com menor crescimento percentual – ainda assim foram altos – foram Itapipoca (296,59%) e Sobral (269,46%). Já em termos absolutos, o que obteve maior elevação nos empregos formais foi Sobral (+ R\$14.750); e com menor aumento absoluto foi Itapipoca (+ R\$7.127).

Tais estatísticas sobre o Produto Interno Bruto são reflexos das atividades estimuladas para a promoção do desenvolvimento no estado do Ceará que formam, segundo Lima Júnior (2014), o chamado tripé agronegócio-indústria-turismo. De modo geral, conforme demonstrado na Tabela 1, no Ceará até meados dos anos 1990, as taxas eram crescentes em dois dos setores da economia cearense (indústria e serviços), eram inclusive maiores do que as taxas nacionais. Tal aspecto estrutural é relevante para destacar os desempenhos das cidades médias na economia cearense.

As cidades médias passam por transformações significativas no contexto atual. Segundo Costa e Amora (2009), a destacada posição na rede urbana cearense é consorciada não só dos aspectos de urbanização, mas também da localização espacial, onde empregam relativa dinamização da economia das cidades vizinhas, configurando-se algumas delas como cidades polos – Sobral e Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. As autoras esclarecem que é na fase de industrialização nacional que ocorrem mudanças significativas nas chamadas cidades médias.

Gráfico 2 – PIB *per capita* das cidades médias cearenses 2002/2015(1)



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Ipece.

Nota: 1) a análise do PIB municipal colocada pelo Ipece não contempla o ano de 2014, conforme está na série de Perfil Básico Municipal (PBM) da referida instituição.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades médias passaram a representar sinônimo de desenvolvimento na contemporaneidade. Diante das desigualdades regionais advindas das políticas de desenvolvimento econômico iniciadas na década de 1950, intensificando com o tempo as disparidades econômicas regional e estadual, a cidade média ganha um novo papel, sobretudo no que tange a desconcentração econômica intraestadual. Assim, algumas cidades médias são desenvolvidas com o intento de reduzir o crescimento das metrópoles e, conforme elas são escolhidas no interior do território, tem-se investimentos, elevação nos níveis demográficos, melhor qualidade de vida, permitindo um desenvolvimento da economia regional.

No que concerne aos aspectos socioespaciais e da urbanização, observou-se que a presença de duas Capitais Regionais de nível C – Sobral e o aglomerado Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha –, localizadas em áreas opostas do território estadual permitem a polarização a partir destes centros. Bem como a importância das outras cidades médias no que diz respeito ao grau de influência na rede urbana, tais como Iguatu e Itapipoca como centros sub-regionais A e B, respectivamente, voltados, sobretudo ao comércio e serviços.

Quanto aos aspectos demográficos, percebeu-se um aumento significativo na taxa de urbanização das cidades médias. Todas as cidades médias apresentaram bons IDHMs, o que reflete melhores condições de vida. Os melhores índices pertencem a Sobral; o pior é Itapipoca. Quanto ao índice de Gini, a maior desigualdade na distribuição de renda está em Sobral. O melhor índice encontra-se no aglomerado Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. No mercado de trabalho, o aglomerado Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha possui os melhores números de empregos gerados e com menor participação foram Iguatu e Itapipoca. A série do PIB *per capita* (2002/15) destaca Sobral (R\$ 20.224). Os que apresentam menor valor são o aglomerado Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha (R\$ 12.593) e Itapipoca (R\$ 9.530). Tais estatísticas sobre o PIB são reflexo das atividades estimuladas para a promoção do desenvolvimento no estado do Ceará que formam, segundo Lima Júnior (2014), o tripé agronegócio-indústria-turismo.

Portanto, dada a importância das cidades médias no seu papel articulador e de promoção do desenvolvimento regional, sugere-se maior atuação não só em termos de infraestrutura urbana conforme as metas do Ministério do Desenvolvimento Regional, mas também ampliar a participação de projetos e atuação do Banco do Nordeste do Brasil, bem como por meio do Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Fundeci e o Fundo Constitucional de Desenvolvimento do Nordeste – FNE, estimulando setores mais produtivos, e atuando de forma mais pontual. Não só nas cidades médias cearenses, mas também nas dos outros estados de atuação da Sudene, que compreende o Nordeste, o Norte do Espírito Santo e o Norte de Minas Gerais.

## REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, V. M. A metrópole e o impacto das políticas públicas na expansão urbana: Fortaleza entre 1980 e 2008. In: XII ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA (ENGAL), Montevideo, 2009. **Anais...**, Montevideo, 2009.
- ALVES, D. F. et al. Desenvolvimento humano do estado do Ceará: uma análise territorial a partir do IDHM. **Economia & Região**, v. 5, n. 2, p. 23-41, 2017.
- AMORA, Z. B. Cidades médias: a busca de definição. In: XIII Encontro Nacional de Geógrafos, Por uma Geografia Nova na construção do Brasil – AGB, 2002. João Pessoa. **Anais...**, João Pessoa, 2004. CD 1.
- AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. de. Cidades de porte médio e o programa de ações socioeducativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 12, n. 23/24, p. 33-46, 1982.
- AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (orgs). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, p. 1-34, 2001.
- ARAÚJO, N. G. A industrialização no Ceará: breves considerações. Instituto de Estudos Socioambientais. **Boletim Goiano de Geografia**. UFG, v. 27, n. 2, p. 97-114, jan./jun. 2007.

ARY, J. C. A. Apoio do Banco do Nordeste à inovação tecnológica via Fundeci: vale a pena o esforço. **Revista Econômica do Nordeste**. BNB. Fortaleza, v. 36, n. 1 jan./mar. 2006

BESSA, K. C. F. O.; BORGES, G. V.; SOARES, B. R. Dinâmica socioeconômica das cidades locais situadas em áreas de cerrado mineiro. **Caminhos de Geografia**, v. 3, n. 5, p. 9-29, 2002.

BONAVIDES, P. O planejamento e os organismos regionais como preparação a um federalismo das regiões. **Revista de Direito Administrativo**, v. 104, p. 1-29, 1971.

CANO, W. Celso Furtado e a questão regional no Brasil. In: TAVARES, M. da C. (Org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000, p. 93-120.

CANUTO, G. **Ministério do Desenvolvimento Regional – MDR**. Ações. 2019. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/apresentacao/2017/BANCO-DO-NORDESTE-FNE.pdf>. Acesso em: 3 de out. 2019.

CLARK, J. **How Stuff Works - 5 cidades modernas abandonadas**. 2010. <http://viagem.hsw.uol.com.br/5-cidades-modernas-abandonadas.htm>. Acesso em: mar. 2010.

CONTE, C. H. Cidades médias: discutindo o tema. **Sociedade e Território**, v. 25, n. 1, p. 45-61, 2013.

COSTA, M. C. L.; AMORA, Z. B. Transformações nas cidades médias do Ceará (Brasil). In: XII ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA (ENGAL), Montevideo, 2009. **Anais...**, Montevideo, 2009.

EGLER, C. A. G. et al. Bases conceituais da rede urbana brasileira: análise dos estudos de referência. In: PEREIRA, R. H. M.; FURTADO, B. A. (orgs.) **Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces**, Brasília: Ipea, 2011.

FRANÇA, I. S. de. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais**. 2007. 283 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2007.

HOLANDA, V. C. C. de. Transformações socioespaciais das cidades médias cearenses. **Revista de Geografia (UFPE)** v. 28, n. 1, 2011.

LANER, I. C.; FARIA, R. S. de. SUDENE: origens e atuação da agência de planejamento regional do Nordeste (1950/1960). In: 66ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), 2014. **Anais...**, Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/66ra/resumos/resumos/6108.htm>. Acesso em: 9 de abril de 2017.

LIMA JÚNIOR, F. O. **SUDENE e forças sociais nordestinas: papel institucional face ao novo marco regulatório de intervenção estatal e de desenvolvimento nos anos 2000**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Economia. Uberlândia/MG, julho de 2008.

\_\_\_\_\_. **Estrutura produtiva e rede urbana no Estado do Ceará durante o período de 1980-2010**. (Tese de Doutorado). Campinas. SP: Instituto de Economia da UNICAMP, 2014. 264p.

MOURA, R.; PÊGO, B. **Aglomerções urbanas no Brasil e na América do Sul: trajetórias e novas configurações**. Texto para Discussão n. 2.203. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

PEREIRA JUNIOR, E. Dinâmicas industriais e urbanização no nordeste do Brasil. **Mercador**, Fortaleza, v. 14, n. spe, p. 63-81, Dec. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-22012015000400063&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-22012015000400063&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 dez. 2018.

PEREIRA, W. E. N. **A evolução econômica de Campina Grande: uma avaliação da economia municipal a partir do comércio**. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal da Paraíba. 1998.

\_\_\_\_\_. **Reconfiguração do setor industrial nas Cidades Médias do Nordeste**. Ed. EDUFRRN, Natal, 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHEFORT, M. **Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e a região**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOARES, B. R. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In: ALVES, A. F.; FLÁVIO, L. C.; SANTOS, R. A. (Org.). **Espaço e território: interpretações e perspectivas do desenvolvimento**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005. p. 273-285.

SOARES, B. R.; MELO, N. A.; LUZ, J. Cidades médias: a importância da dimensão regional na análise da cidade média goiana. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEG, 2005, Fortaleza. **Anais...** Comunicações científicas e coordenadas, p. 1-13, 2005.

SPÓSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. In: SPÓSITO, M. E. B. (org). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média.** Presidente Prudente, p. 235-253, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidades médias: espaços em transição.** 1. ed. Série Geografia em Movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

STEINBERGER, M.; BRUNA, G. C. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (orgs). **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: Ipea, 2001. p. 35-78.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

